



POVO INY- KARAJÁ, CERRADO E GRAFISMO INDÍGENA

Irrayne Vieira Marques (PG)*, Poliene Soares dos Santos Bicalho (Orientadora).

E-mail: iorraynevieira20@gmail.com

Universidade Estadual de Goiás – Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas / Av. Juscelino Kubitschek, 146 - Jundiá, Anápolis - GO, 75110-390

Resumo: O Cerrado é o segundo maior bioma da América do Sul, tem a maior biodiversidade do planeta e no Brasil abrange 12 estados, entre eles: Maranhão, Tocantins, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Além da importância socioambiental, o Cerrado abriga diferentes povos e comunidades, o que compõem uma riqueza cultural diversa. Portanto, é sabido que tem sido um bioma abruptamente devastado, sobretudo, nas últimas décadas, pelas atividades agroindustriais. Para os povos indígenas que nele vive, das 305 etnias conforme dados do (IBGE) e das 732 Terras Indígenas conforme dados da FUNAI (2018), o Cerrado abriga em torno de 109 delas com aproximadamente 83 povos diferentes. Esses povos vivem em interrelação profunda com esse ambiente, para a reprodução de sua cultura e vida. Qual a importância do Cerrado para o grafismo do Povo Iny -Karajá do município de Aruanã (GO)? Estando o Cerrado ameaçado pelas atividades capitalistas, sobretudo, do agronegócio, que tem destruído rapidamente esse bioma, o que isso implica para a vida e cultura do povo Iny -Karajá de Aruanã? Essas são as questões basilares da presente pesquisa.

Palavras-chave: Bioma Cerrado. Artes Indígenas. Identidade. Memória. Cultura.

Introdução

O Cerrado brasileiro, também conhecido como savana brasileira, está localizado predominantemente no Planalto Central do Brasil e é o segundo maior bioma da América do Sul, onde ocupa uma área de 2.036.448, correspondente a mais de 22% do território nacional (Ministério do Meio Ambiente).

Segundo os autores Bruno Machado Teles Walter, Arminda Moreira de Carvalho e José Felipe Ribeiro (2008), a savana é considerada o bioma mais polêmico, em virtude do altíssimo número de definições baseadas em conceitos diferentes. A grande diversidade influencia nos fatores de caracterização de uma savana. Nos dias de hoje, o termo “savana” designa formações vegetais muito diferentes.

Cada região, quanto à sua brasilidade, traduz-se em riquezas naturais e diversidade étnica e cultural, fruto de um processo histórico de formação da identidade nacional, que tem como influência os fatores de ocupação e povoamento, ao lado do desenvolvimento das atividades econômicas, marcados pelo (des)encontro entre os indígenas e os colonizadores, além dos africanos. Na ordem, os bandeirantes, que





avançaram sobre os povos indígenas e seus territórios inexplorados, utilizando-os como mão-de-obra escrava, para o avanço e estruturação das colônias; e os africanos, sequestrados e trazidos da África, para também serem explorados como mão de obra escrava. Todo esse processo transformou, ao longo dos séculos, de maneira significativa, a paisagem natural do Cerrado (e dos demais biomas do Brasil), especialmente com a inserção de elementos culturais sobrepostos, como a ação antrópica de extração dos recursos sobre os elementos naturais vigentes.

O contato entre povos indígenas e não indígenas na América marcou o processo de desconstrução e descaracterização da identidade étnica e cultural dos indígenas americanos, e sustentou o mesmo fio condutor durante séculos de exploração colonial e pós-colônia; e que, no contexto brasileiro e de outros países latino-americanos, perdurou mesmo após a emancipação política da antiga Colônia, em 1822. Assim, a emergente identidade nacional nasce sobre a primazia de integrar a multipluralidade étnica e cultural existente no território, sob o prisma da homogeneização das culturais, englobando os povos que constituem o ser brasileiro em uma única perspectiva sociocultural.

Material e Métodos

Para que se alcance resultados, com as leituras e pesquisas bibliográficas em estágio avançado, serão analisados os dados e esboçadas as primeiras considerações sobre o tema, de modo a atender os objetivos acima descritos.

Ao concluir este, espera-se que novas e seguras informações sobre o tema sejam identificadas, de modo que a pesquisa contribua para resguardar a identidade étnica desses povos, cuja sobrevivência física e cultural encontra-se, em alguns casos fortemente ameaçados de extinção.

Resultados e Discussão

Com o processo de colonização, e mais tarde, com o intenso processo de expansão econômica pelo Brasil Central, territórios e culturas indígenas vivenciam a intensificação dos contatos, de tal maneira que relações de etnicidade se estabeleceram de forma agressiva e abruptamente. Impactos sobre a cultura e a identidade, nesse ínterim, foram e são inquestionáveis, contudo, embora a cultura de





ambos os lados seja afetada, a dos indígenas foi muito mais, provavelmente; mas isso não implica em perda da identidade étnica, por que o que se tem nessas relações de etnicidade é uma situação de fronteira, de entrelugar, de hibridismos, de trânsitos e (re)significações culturais, e é na fronteira que a identidade se fortalece e transforma (BARTH, 2000), pois, nenhuma cultura ou identidade são permanentes e imutáveis (LARAIA, 2005).

Para entender o grupo étnico dentro dessa perspectiva, deve-se entender que as identidades são produtos de construção, demandam posicionamentos políticos, são frutos de representações sociais e transformações contínuas. Assim, a identidade do grupo étnico pode ser traçada em paralelo à história identitária e cultural dos indígenas. De acordo com Braga (2005), ao *ser indígena*, atualmente, o direito ao indigenato está garantido na Constituição de 1988, isto é, o direito à terra e às vivências, práticas, manifestações e expressões culturais indígenas, e difere do termo 'índio' cunhado por Colombo.

Ainda no início do século XX, a noção de 'índio' tinha conotação biológica, e não étnica-cultural, isto é, definia-se pela cor da pele, características dos cabelos, entre outros, e não pelas manifestações da identidade indígena. Com a transformação do conceito, com muita luta e resistência desses povos após a organização do Movimento Indígena a partir de 1970, altera-se também a situação social e jurídica do indígena no contexto brasileiro.

Os *Iny-Karajá* que habitam uma área no município de Aruanã-GO estabelecem contato direto com o não indígena cotidianamente. O usufruto da terra e as relações comerciais que estabelecem com os Torí são as principais fontes de sobrevivência e sustento das comunidades. Essa etnia, composta por povos tradicionais do Cerrado, em geral, produz seus próprios alimentos e artefatos, reproduzindo sua cultura, seus costumes e suas tradições em conexão com o ambiente que os cerca. São povos que conhecem bem os rios, os lagos, os animais e as plantas do bioma em que estão inseridos, o Cerrado.

A antropóloga Lux Vidal, em seu livro *Grafismo Indígena* (1992), ressalta que as manifestações culturais indígenas, inclusive a pintura corporal, foram objeto de estudo de cronistas e viajantes. Porém, a riqueza material foi deixada em segundo





plano, no que diz respeito às sociedades indígenas, pois, a arte indígena tem sido inferiorizada em razão de não se acomodar aos padrões estéticos ocidentais. Para Silvana Solange Brandão Silva, o “grafismo está presente nos corpos, nos utensílios e atualmente em diferentes materiais, apresentando um novo campo de expressão” e, afirma ainda, “os padrões das pinturas, encontram-se além das pinturas corporais cotidianas da tribo, representativas da idade, estrutura familiar, ofício e festividades, referências à fauna da região e à mitologia dos antepassados” (2014, p. 26 e 32).

A pintura corporal é mais do que uma mera característica de manifestação cultural, é parte integrante da formação da maior parte das sociedades indígenas, entendendo-se ‘formação’ numa perspectiva ampliada e integral, como proposto pelos gregos a partir do conceito de *Paideia* (JAEGER, 1995). Todo ritual expresso nos corpos por meio da pintura resulta em expressões artísticas de grande intensidade entre os indígenas, principalmente os *Inỹ-Karajá*.

Considerações Finais

Atesta-se, portanto, que as sociedades indígenas possuem formas de organização social e cultural com alta capacidade de manuseio dos recursos naturais, que estão associadas a disponibilidade de alimentos de cada estação, tanto no Cerrado quanto em suas variações, a fim de enriquecer as manifestações estéticas e ornamentais do grupo. Ao recordar que os *Inỹ-Karajá* são conhecidos pelas bonecas de cerâmica e pela cestaria, e que os grafismos que compõem essas formas de arte são os mesmos que usam no corpo e que fazem referência ao ambiente em que vivem, percebe-se uma forte inspiração na natureza, marcada pelas tintas naturais na cultura desse povo.

Para Lima Filho e Silva, “um mesmo padrão recebe um nome distinto de acordo com diferentes informantes”. Ou seja, o mesmo padrão recebe variados nomes e “existe uma tendência maior de relacionar os nomes dos grafismos a animais que vivem na água” (2012, p. 54 e 56).

Quanto a aprendizagem de padrões: Adornos e Pinturas Corporais Karajá (1998, p. 10), “as crianças Karajá aprendem a desenhar olhando, e depois imitando, quando a mãe está fazendo cerâmica”. Destaca-se que a cultura indígena é





transmitida por meio das experiências vividas, da comunicação verbal, centrada na oralidade; e da comunicação não verbal, corpórea, física, em relação direta com o espaço em que vivem.

Agradecimentos

À Deus que me fortalece dia após dia.

À minha família por todo apoio e compreensão.

À minha orientadora Poliene Soares S. Bicalho, pelo empenho dedicado à elaboração deste trabalho dando todo auxílio necessário e confiança.

Aos Professores do O Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER).

Referências

CERRADO: ECOLOGIA E FLORA / editores técnicos, Sueli Matiko Sano, Semíramis Pedrosa de Almeida, José Felipe Ribeiro, Embrapa Cerrados, - Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2008

LARAIA, Roque Barros. **DA CIÊNCIA BIOLÓGICA À SOCIAL: A TRAJETÓRIA DA ANTROPOLOGIA NO SÉCULO XX**. Goiânia, v. 3, n. 2, p. 321-345, jul./dez. 2005.

LIMA FILHO, Manuel Ferreira. SILVA, Telma Camargo da. **A ARTE DE SABER FAZER GRAFISMO NAS BONECAS KARAJÁ**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 38, p. 45-74, jul./dez. 2012.

TORAL, André Amaral de. Pintura corporal Karajá contemporânea. In: VIDAL, Lux (Org.). **Grafismo indígena: estudos de antropologia estética**. São Paulo: Studio Nobel; Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP, 1992. pp. 121-208.

TORAL, André Amaral de. **Cosmologia e Sociedade Karajá**. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 1992.

VIDAL, Lux. Apresentação: iconografia e grafismos indígenas, uma introdução. In: VIDAL, Lux (Org.). **Grafismo indígena: estudos de antropologia estética**. São Paulo: Studio Nobel; Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP, 1992. pp. 13-18.

